

**Exame Final Nacional de Português**  
**Prova 639 | Época Especial | Ensino Secundário | 2018**

12.º Ano de Escolaridade

Decreto-Lei n.º 139/2012, de 5 de julho

Duração da Prova: 120 minutos. | Tolerância: 30 minutos.

8 Páginas

---

---

Utilize apenas caneta ou esferográfica de tinta azul ou preta.

Não é permitida a consulta de dicionário.

Não é permitido o uso de corretor. Risque aquilo que pretende que não seja classificado.

Para cada resposta, identifique o grupo e o item.

Apresente as suas respostas de forma legível.

Ao responder, diferencie corretamente as maiúsculas das minúsculas.

Apresente apenas uma resposta para cada item.

As citações dos itens encontram-se no final do enunciado da prova.

---

---

Nas respostas aos itens de escolha múltipla, selecione a opção correta. Escreva, na folha de respostas, o grupo, o número do item e a letra que identifica a opção escolhida.

---

Nos termos da lei em vigor, as provas de avaliação externa são obras protegidas pelo Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos. A sua divulgação não suprime os direitos previstos na lei. Assim, é proibida a utilização destas provas, além do determinado na lei ou do permitido pelo IAVE, I.P., sendo expressamente vedada a sua exploração comercial.

## GRUPO I

---

Apresente as suas respostas de forma bem estruturada.

---

### PARTE A

Leia o poema XLVIII, de *O Guardador de Rebanhos*.

Da mais alta janela da minha casa  
Com um lenço branco digo adeus  
Aos meus versos que partem para a humanidade.

- E não estou alegre nem triste.  
5 Esse é o destino dos versos.  
Escrevi-os e devo mostrá-los a todos  
Porque não posso fazer o contrário  
Como a flor não pode esconder a cor,  
Nem o rio esconder que corre,  
10 Nem a árvore esconder que dá fruto.

Ei-los que vão já longe como que na diligência  
E eu sem querer sinto pena  
Como uma dor no corpo.

- Quem sabe quem os lerá?  
15 Quem sabe a que mãos irão?

- Flor, colheu-me o meu destino para os olhos.  
Árvore, arrancaram-me os frutos para as bocas.  
Rio, o destino da minha água era não ficar em mim.  
Submeto-me e sinto-me quase alegre,  
20 Quase alegre como quem se cansa de estar triste.

Ide, ide de mim!  
Passa a árvore e fica dispersa pela Natureza.  
Murcha a flor e o seu pó dura sempre.  
Corre o rio e entra no mar e a sua água é sempre a que foi sua.

- 25 Passo e fico, como o Universo.

Alberto Caeiro, *Poesia*, edição de Fernando Cabral Martins e Richard Zenith,  
3.ª ed., Lisboa, Assírio & Alvim, 2009, pp. 85-86.

1. Explícite a evolução do estado de espírito do sujeito poético, tendo em conta o sentido dos versos 4, 12-13 e 19-20.
2. Relacione a referência a elementos da natureza na segunda estrofe com a concepção de poesia presente neste poema.
3. Explique em que medida o último verso sintetiza o conteúdo da penúltima estrofe.
4. Refira duas características formais da poesia de Alberto Caeiro presentes no poema transcrito. Exemplifique essas características com a referência a elementos textuais.

## PARTE B

Leia o texto. Se necessário, consulte as notas.

- O passageiro tinha subido, já noite fechada, das entranhas da carvoeira, para se esconder numa claraboia do convés, sob a qual havia espaço suficiente para um homem se deitar, como num esquite. (Já ali tinham viajado outros, durante dias e até semanas, e um deles, por sinal, apanhado pela dura invernia do Norte – os cordames eram estendais de gelo! – com as
- 5 roupinhas leves em que vinha do Brasil, ficara tolhido para o resto dos seus dias.) Não comia desde que, manhã cedo, lhe tinham levado o café amargoso e a bucha de pão; a fome roía-o, e depois do calor abafante das caldeiras, o frio húmido da noite inteiriçou-o. Ali encaixado, ouviu vozes de comando, risos, passos de homens que desciam a prancha, os ecos de ferro do navio despejado. Esperou que, tudo sossegado, o viessem pôr em liberdade. Mas o tempo
- 10 corria, naquela imobilidade, e a impaciência dele cresceu: Que raio esperavam eles para o tirar da toca? Iriam esquecê-lo, deixá-lo a bordo sozinho, metido naquela urna, a morrer de fome e frio?... Haveria dificuldades imprevistas ao seu desembarque?... A noite avançava com um vagar exasperante, e ele tinha pressa. Apertava ao corpo, para se aquecer, o saco onde encerrava os poucos haveres.
- 15 Tinha entrevisto na noite, ao chegar ali, os perfis dos barracões do porto, mais longe fábricas, prédios, o clarão mortiço da cidade. Estava na América, a dois passos do trabalho e do pão, a um salto do seu destino. E o coração batia-lhe de anseio. Já tinha regularizado contas com os marujos que o tinham posto a bordo, escondido e alimentado. Se havia mais alguém por trás deles, isso não era da sua conta. Restava-lhe algumas *dólas* no fundo de
- 20 um bolso das calças. Junto delas, retinha na palma da mão suada um papel puído, com um endereço, esse ponto perdido na imensidade da América desconhecida: Patchogue ou coisa assim, para lá de Nova York, em Long Island, a quantas léguas seria aquilo de Baltimore, e quanto teria ele de palmilhar às cegas, para alcançar o seu destino?! (Se lá chegasse...) E uma data de números, de portas e ruas, isso ele não entendia, não entendia nada, não sabia
- 25 patavina de inglês, só sabia que estava ali à espera que dispusessem dele, para começar vida nova, ou então... Sozinho, diante do desconhecido. Não conhecia ninguém, nesta terra envolta em noite e humidade. Inquietava-o pensar em tudo isso, ali imóvel, impotente, com o coração do tamanho dum feijão a zumbir-lhe no peito apertado.

José Rodrigues Miguéis, «O Viajante Clandestino», *Gente da Terceira Classe*, 4.ª ed., Lisboa, Editorial Estampa, 1984, pp. 42-43.

### NOTAS

*carvoeira* (linha 1) – lugar, num navio, destinado a guardar o carvão necessário ao aquecimento das caldeiras.

*cordames* (linha 4) – todos os cabos que pertencem ao aparelho de um navio.

*dólas* (linha 19) – dólares (numa pronúncia incorreta).

*esquite* (linha 3) – caixão.

*poucos* (linha 14) – poucos.

*puído* (linha 20) – gasto pelo uso ou atrito.

*tolhido* (linha 5) – paralisado.

5. Explícite três aspetos que evidenciem a dureza da viagem protagonizada pelo «passageiro», tendo em conta o primeiro parágrafo do texto. Ilustre a sua resposta com transcrições pertinentes.
6. Justifique a ansiedade manifestada pela personagem, tendo em conta o conteúdo das linhas 9 a 28.

## PARTE C

7. A natureza tem uma presença recorrente na literatura portuguesa.

Escreva uma breve exposição sobre o modo como a natureza é representada em dois dos autores ou em duas das obras que estudou, no ensino secundário, no domínio da Educação Literária.

A sua exposição deve incluir:

- uma introdução ao tema;
- um desenvolvimento no qual explicita um aspeto que evidencie o modo como a natureza é representada em cada um dos autores ou obras que selecionou, fundamentando cada um desses aspetos em, pelo menos, um exemplo pertinente;
- uma conclusão adequada ao desenvolvimento do tema.

## GRUPO II

Leia o texto. Se necessário, consulte as notas.

Camilo Castelo Branco é um caso singularíssimo na língua portuguesa. Longe do repentismo ou da facilidade, estamos perante um cultor das letras que se evidenciou ao saber aliar grande talento narrativo, capacidade de evocação única e exigência de profissional, que se equiparam aos dos maiores escritores de sempre, como Dickens ou Balzac... Alexandre Cabral fala, com razão, do «exemplo de um profissionalismo sem mácula, nesse estrito aspeto, que não foi ainda ultrapassado». Fialho de Almeida calculava a produção camiliana em cerca de 180 volumes e 54 mil páginas. Hoje sabemos que esse cálculo é feito nitidamente por defeito. [...] E no tocante ao uso da língua, nunca se deixou deslumbrar pelos arrebiques escusados, antes ligando a clareza à diversidade vocabular, para ser fiel às particularidades e diferenças culturais. Nesse ponto é inigualável. E não é preciso entrar em comparações com outros dos nossos melhores – Camilo é Camilo.

[...] De personalidade marcada e feito tantas vezes agreste, Camilo tem, na sua longa obra, severas apreciações críticas que atingem mil suscetibilidades. Houve, por isso, razões para ódios e suspeições, mas, à distância, ao lermo-lo fica-nos a grande riqueza da matéria-prima com que lida – a vida de uma sociedade marcada por dualismos e diferenças profundos, que só poderiam ser retratados e compreendidos por quem tivesse oportunidade crítica e capacidade de ver o tempo à luz da duração e do largo prazo... [...]

Em *O Tempo de Camilo Anotado Ano por Ano*, o organizador da obra, Viale Moutinho, com grande mestria, leva-nos, a partir da vida do autor de *Amor de Perdição*, através dos acontecimentos do país e do mundo. E sentimos como há um enredo romanesco, donde tudo parte, na existência atribulada, e nem sempre evidente, de Camilo. Desde muito cedo, há tendência para se embrenhar em polémicas, para formular juízos severos, para criar anticorpos... Em Ribeira de Pena, em 1843, escreve e afixa na porta da matriz versos ofensivos a uma família importante da vila. Para salvar a pele foge para Vilarinho de Samardã... Em 1846, devido a uma série de artigos publicados no Porto em que criticava o governador civil de Vila Real, é barbaramente agredido... Foge com Patrícia Emília para a cidade invicta, mas é acusado por um tio de roubo, sendo ambos presos. Com traços romanescos, porém, o tio confessará depois que era falsa a acusação, feita apenas para travar a fuga... Em 1850, sai a lume o primeiro romance do novel autor – *Anátema*...

Estes breves exemplos ilustram uma vida sentimental intensa, que culminará no caso de Ana Plácido, e uma vida familiar dramática. Este é, no entanto, o pano de fundo de uma persistência admirável enquanto profissional da escrita. Ele confessa: «Eu inclinava o peito crivado de dores sobre uma banca para ganhar, escrevendo e tressudando sangue, o pão de uma família. A luz dos olhos bruxuleava já nas vascas da cegueira. E eu escrevia, escrevia sempre».

Guilherme d'Oliveira Martins, «Saber ler os segredos de Camilo», *Jornal de Letras Artes e Ideias*, 26 de outubro a 8 de novembro de 2016, p. 28.

### NOTAS

*arrebiques* (linha 8) – adornos exagerados, geralmente considerados de mau gosto.

*bruxuleava* (linha 34) – brilhava de forma trémula.

*novel* (linha 29) – novo; principiante.

*tressudando sangue* (linha 33) – suando sangue; com grande sofrimento.

*vascas* (linha 34) – agonias.

1. Segundo o autor, no que diz respeito ao uso da língua, Camilo é um escritor notável, devido
  - (A) ao elevado profissionalismo demonstrado ao longo da sua carreira.
  - (B) à mestria na arte de esbater as particularidades culturais.
  - (C) ao talento para adequar a linguagem às diversas personagens.
  - (D) à extraordinária capacidade para escrever centenas de livros.
  
2. Uma das principais características da obra de Camilo Castelo Branco, mencionada no segundo parágrafo, consiste na presença de
  - (A) aspetos marcantes da sua personalidade peculiar.
  - (B) um olhar crítico sobre a sociedade do seu tempo.
  - (C) um retrato fugaz de uma sociedade de contrastes.
  - (D) reações às duríssimas críticas que lhe são dirigidas.
  
3. Nos dois últimos parágrafos do texto, pretende-se
  - (A) demonstrar que a obra camiliana espelha a vida e a dedicação do autor à escrita.
  - (B) evidenciar o facto de Camilo ter percorrido diversos locais do país, ao longo da vida.
  - (C) demonstrar que o escritor foi alvo de diversas perseguições, todas elas infundadas.
  - (D) evidenciar o facto de a vida demasiado atribulada do autor o ter conduzido à cegueira.
  
4. As expressões «na porta da matriz» (linha 23) e «por um tio» (linha 27) desempenham as funções sintáticas
  - (A) de modificador e de complemento do adjetivo, respetivamente.
  - (B) de complemento oblíquo e de complemento agente da passiva, respetivamente.
  - (C) de complemento oblíquo e de complemento do adjetivo, respetivamente.
  - (D) de modificador e de complemento agente da passiva, respetivamente.
  
5. No excerto correspondente ao discurso de Camilo, transcrito nas linhas 32 a 35, as formas verbais exprimem os valores aspetuais
  - (A) perfetivo e genérico.
  - (B) perfetivo e iterativo.
  - (C) imperfetivo e genérico.
  - (D) imperfetivo e iterativo.
  
6. Classifique a oração introduzida por «que» na linha 5.
  
7. Refira os dois processos fonológicos que ocorreram na evolução do étimo latino «macula» para a palavra «mágoa», identificando-os de acordo com a numeração respetiva.
  - 1
  - 2

## GRUPO III

Há quem defenda que o convívio com aqueles que são diferentes de nós contribui para o nosso enriquecimento cultural.

Será que os fluxos migratórios, tão frequentes no mundo atual, permitem sempre um enriquecimento cultural, tanto das populações migrantes como das comunidades de acolhimento?

Num texto de opinião bem estruturado, com um mínimo de duzentas e um máximo de trezentas e cinquenta palavras, defenda uma perspetiva pessoal sobre a questão apresentada.

No seu texto:

- explicite, de forma clara e pertinente, o seu ponto de vista, fundamentando-o em dois argumentos, cada um deles ilustrado com um exemplo significativo;
- utilize um discurso valorativo (juízo de valor explícito ou implícito).

### Observações:

1. Para efeitos de contagem, considera-se **uma palavra** qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando esta integre elementos ligados por hífen (ex.: /dir-se-ia/). Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente do número de algarismos que o constituam (ex.: /2018/).
2. Relativamente ao desvio dos limites de extensão indicados – entre duzentas e trezentas e cinquenta palavras –, há que atender ao seguinte:
  - um desvio dos limites de extensão indicados implica uma desvalorização parcial (até 5 pontos) do texto produzido;
  - um texto com extensão inferior a oitenta palavras é classificado com zero pontos.

## FIM

## COTAÇÕES

Grupo	Item							
	Cotação (em pontos)							
I	1.	2.	3.	4.	5.	6.	7.	
	16	16	16	8	16	16	16	<b>104</b>
II	1.	2.	3.	4.	5.	6.	7.	
	8	8	8	8	8	8	8	<b>56</b>
III	Item único							<b>40</b>
<b>TOTAL</b>								<b>200</b>